

Sem-teto ocupa obra abandonada

A sede da antiga Casa do Estudante, na 913 Sul, é um dos prédios invadidos

DF - Invasões

Jairo Viana

Os prédios públicos e particulares em construção abandonados no Plano Piloto estão invadidos por sem-teto, mendigos e marginais que fazem destes "esqueletos" suas casas ou esconderijos. A antiga Casa do Estudante Secundarista, na 913 Sul, entre eles, é o que apresenta a pior situação de segurança, sendo freqüentado por marginais, consumidores de drogas e mendigos. Três famílias de sem-teto aproveitam como moradia as estruturas de concreto do prédio que antes pertencia à Bibabô, no SCS, ao lado do Venâncio 2000, transformado em estacionamento para veículos.

O aposentado Damião José Bezerra, 58 anos, retira a cabeça fora do cobertor para falar com a reportagem. Instalado sob a marquise da Casa do Estudante Secundarista, Damião diz que morar fora do prédio é melhor que dentro, onde goteja muito neste período das chuvas. "Aqui moram umas cinco pessoas", afirma, apesar de na noite de quinta-feira estar sozinho.

Devido ao estado de deterioração do edifício, que tem todas as portas e a maioria das janelas externas vedadas por paredes, muitos mendigos dormem sob a marquise, onde também, improvisam seus fogões de lenha para cozinhar. Na porta da entrada principal foi aberto um buraco na parede, por onde desocupados, consumidores de drogas e mendigos têm acesso a seu interior.

A cerca de tela que protegia a área foi derrubada, e pais e alunos das escolas existentes nas proximidades usam o local como passagem para as quadras 713/14 Sul. "Este é o único abandono a transformou-se num problema de segurança para nós", queixa-se o porteiro do Colégio Objetivo Júnior, Nilton Luiz Ribeiro da Silva. O prédio abandonado fica em frente ao educandário.

Invasão

Separada do marido e sem teto para morar, a paraibana Maria Felisbelo da Silva, 47 anos, improvisou sua residência sob a laje do primeiro piso do antigo prédio da Bibabô, onde mora na companhia de oito filhos, em precárias condições, num cubículo de 2x2. "Não temos água encanada, banheiro e energia, mas é preferível morar aqui que pagar Cr\$ 50 mil de aluguel num barraco de fundo de quintal em Taguatinga ou Ceilândia", diz.

Enquanto os garotos vigiam e lavam carros no estacionamento em que foi transformado o local, Maria da Silva — que aparenta ter mais idade que os seus 47 anos — lava roupas e faz biscoates para ganhar dinheiro. Com uma ponta de desconfiança, diz esperar que o governo lhe dê um lote semiurbanizado num dos assentamentos para morar com os filhos.

No local moram ainda uma das filhas de Maria da Silva e seu filho menor, além de um velho que ajuda a tomar conta da área. À noite, todos ficam à luz de velas conversando sobre os biscoates que farão no dia seguinte para sobreviver.

O prédio de 12 andares do Caesar Park, localizado às margens do Lago Paranoá, em frente à Academia de Tênis, é o único que mantém vigilância permanente. O esqueleto da obra, paralisada desde 1983, é vigiada contra invasões por Dorgival Manoel Ferreira, que mora no local com a família.



A vantagem de morar em obras abandonadas é não pagar aluguel. Em contrapartida, falta conforto. Não há luz, nem água

Destinação sofre desvirtuamento

Os prédios pertencentes ao GDF, o Mercadinho do Produtor, localizado na 908 Sul, e administrado pela Fundação Zoobotânica, é o que apresenta mais problemas de ocupação. Formado por três blocos, o Mercadinho tem sua finalidade (abrigar os produtores rurais) completamente desvirtuada. Ali existem desde empresas de reforma de móveis até lojas usadas como residência.

No entanto, a solução para a ocupação do Mercadinho do Produtor parece próxima. A proposta do Grupo de Trabalho do GDF, de desestatizar a área, coincide com a intenção de um dos mais antigos ocupantes do local, o Grupo Onoyama, que tem três lojas do bloco A, há cerca de 30 anos. "Queremos que o Governo privatize a área, a fim de que possamos construir um centro comercial", afirma o diretor da Onoyama Flores, Divanir Pereira.

Desvirtuado

Construído logo após a fundação de Brasília, o Mercadinho do Produtor tinha como finalidade abrigar os produtores rurais da região, que ali faziam a venda diretamente aos consumidores. Com o tempo, o objetivo inicial do mercado foi desvirtuado.

Nas nove lojas do bloco 2, próximo do Hospital Geral Ortopédico (HGO), estão instaladas diversas associações, como a Associação dos Produtores Rurais, Sindicato Rural e Sindicarnes e até uma Associação de Detetives. No bloco E, três lojas são ocupadas pela reformadora de móveis (Darcy Decorações), duas frutarias e uma floricultura. No bloco A funcionam diversas lojinhas, inclusive a Onoyama Flores e uma peixaria, que também é utilizada como residência. Todas as lojas são cedidas pela Fundação Zoobotânica, que há meses não recebe a taxa de ocupação dos lojistas.

Os comerciantes do local reclamam não só do desvirtuamento da ocupação da área como da fachada de combogós que atrapalham a visão dos consumidores. "Se a construção for mantida, é necessário que o GDF faça uma reforma no prédio para que tenha melhor apresentação e para que as mercadorias possam ser expostas aos consumidores", observa a lojista Yossie Olinda Hoshi, dona de uma floricultura.

O Brasília Palace, situado próximo ao Palácio Alvorada, está com sua reforma paralisada, aguardando decisão judicial. Enquanto isso suas estruturas se deterioraram. (J. V.)